

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ENTRAVES À PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS E A CONDUTA ÉTICA DO PROFESSOR

José Aelson da Silva Junior

RESUMO

O presente texto atém-se à realidade escolar, discutindo a dimensão da Ética na intervenção pedagógica dos professores de Educação Física, destacadamente no que diz respeito às suas implicações na participação (ou não) dos alunos nas atividades das aulas. São apresentadas algumas propostas de intervenções pedagógicas de modo a desenvolver atitudes e valores, bem como minimizar/suprimir alguns pontos que colaboram para a não participação nas aulas, como a falta de habilidade motora, a obesidade/sobrepeso, os estereótipos sexuais, a discriminação de gênero e as deficiências sensoriais e físicas.

Palavras-chave: Educação Física. Ética. Intervenções Pedagógicas.

ABSTRACT

The present text abides it the pertaining to school reality, arguing the dimension of the Ethics in the pedagogical intervention of the professors of Physical Education, mainly in what it says respect to its implications in the participation (or not) of the students in the activities of the classes. Some proposals of pedagogical interventions are presented in order to develop attitudes and values, as well as minimizing/to suppress some points that collaborate for not the participation in the classes, as the lack of motor ability, the obesity / overweight, the sexual stereotypes, the sensorial and physical discrimination of sort and deficiencies.

Key words: Physical Education. Ethics. Pedagogical Interventions.

RESUMEN

El actual texto habita referente a la realidad de la escuela, discutiendo la dimensión del ética en la intervención pedagógica de los profesores de la educación física, destacadamente en lo que dice respecto a sus implicaciones en la participación (o no) de las pupilas en las actividades de las lecciones. Algunas ofertas de intervenciones pedagógicas se presentan para desarrollar actitudes y los valores, tan bien como minimizing/to suprimen algunos puntos que colaboren para no la participación en las lecciones, como la carencia de la capacidad del motor, el obesidade/el exceso de peso, los estereótipos sexuais, la discriminación sensoria de la clase y las deficiencias y físicas.

Palavras llave: Educación Física. Ética. Intervenciones Pedagogicas.

Ética: noções fundamentais

Os seres humanos convivem em sociedade e a aventura da convivência desafia-os a enfrentar e procurar responder, a todo o momento, a pergunta: Como agir na relação com os outros? Trata-se de uma pergunta fácil de ser formulada, mas difícil de ser respondida – esta é a questão central da Moral e da Ética.

Moral e Ética são frequentemente empregadas como sinônimos: conjunto de princípios ou padrões de conduta. A etimologia dos termos (*mores*, no latim, e *ethos*, no grego) é mesmo indicativa de um significado comum: ambos remetem à idéia de costume. Os costumes são o primeiro conteúdo da cultura, são maneiras de viver inventadas pelos seres humanos.

Nos costumes, manifestam-se um aspecto fundamental da existência humana: a criação de valores, diferente do que acontece com os outros animais, que têm o comportamento determinado pela natureza.

Embora tenham a mesma origem etimológica, os conceitos de ética e moral incorporam, em seu percurso histórico, significações diferenciadas. No âmbito da filosofia, hoje, faz-se uma distinção entre eles, definindo a moral como o conjunto de princípios, crenças, regras que orientam o comportamento dos indivíduos nas diversas sociedades, e a ética como a reflexão crítica sobre a moral. É importante ressaltar que, ao se estabelecer tal distinção, procura-se apontar de modo preciso a estreita articulação que esses termos mantêm entre si e que diz respeito exatamente ao terreno dos valores, presentes na prática e na reflexão teórica de homens e mulheres na sociedade.

Aqui, portanto, a expressão Ética representa a postura moral atribuída ao julgamento humano, dentro da esfera social. Assim dito, podemos entender a Ética como eixo condutor da sociedade presente em todas as relações interpessoais, em seus vários núcleos e espaços de convivência: profissional, familiar, afetivo, de lazer, etc.

Nesse sentido, nos ateremos à realidade escolar, discutindo a dimensão da Ética na intervenção pedagógica dos professores de Educação Física, destacadamente no que diz respeito às suas implicações na participação (ou não) dos alunos nas atividades propostas nas aulas.

A Educação Física Escolar no atual contexto

Antes de adentrar a especificidade do tema acima apontado, cabe fazer algumas considerações acerca da atual conjuntura da Educação Física Escolar.

Soares et al (1992, p.50), assim como Darido (2005), conceituam a Educação Física como uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal. Segundo os mesmos autores, a prática da Educação Física, enquanto conteúdo curricular obrigatório, deve atender a todos, de acordo com o princípio democrático e da inclusão. As aulas deverão possibilitar aos alunos a autonomia e emancipação do pensamento, através de experiências reflexivas, críticas e sensíveis que ampliem o vocabulário corporal e cultural dos alunos.

Não obstante tais finalidades, a falta de um programa curricular sistematizado, ou mesmo a existência de eixos múltiplos e discordantes de conteúdos, bem como a má formação acadêmica, a escassez de materiais didáticos e a carência de espaços adequados representam grandes entraves para as aulas de Educação Física na Educação Básica. Talvez o primeiro desses fatores seja o maior limitador encontrado dentro das escolas, o que acaba colocando em dúvida a legitimidade dessa disciplina nos espaços

escolares, promovendo o desinteresse e evasão dos alunos das aulas e também a falta de reconhecimento da área por parte da comunidade escolar (o que, em parte, pode ser atribuído à própria ineficiência da ação dos professores).

O compromisso político e a competência técnica, premissas da dimensão ética, são fundamentais para o engajamento e eficiência na Educação Física Escolar. Esses aspectos qualificam a Educação Física enquanto difusora cultural, estendendo aos alunos um vasto repertório de possibilidades corporais, evitando que fiquem empobrecidas suas possibilidades de lazer, exercitação física e de ampliação da cultura corporal.

O papel do professor

A Educação Física, tanto em sua dimensão biológica quanto na dimensão sociocultural, deve favorecer ao aluno apropriar-se dos conhecimentos que justifiquem a presença e importância dessa aula na escola. Ou seja, após a escolaridade formal (aproximadamente onze anos) espera-se que os alunos tenham condições de manter um programa de atividade física regular, apreciar um jogo, posicionar-se criticamente perante o uso de anabolizantes, da violência e outros, sem o auxílio de especialistas.

Qual seria, pois, o papel do professor de Educação Física nesse contexto? Não parece ser tão simples a resposta, o que de fato não é. Mas acredito, como aponta Coll (2004), numa proposta didático-metodológica que se segue na seguinte direção: ao professor de Educação Física compete a mediação dos conhecimentos e conteúdos propostos para cada etapa permeados nas esferas conceitual (de caráter introdutório, histórico e classificatório), procedimental (do fazer corporal e da experimentação) e atitudinal (como campo de princípios e valores).

No que tange a essa última dimensão, os valores expressos pelo professor serão inevitavelmente “transmitidos” aos alunos, visto que o contato destes com os professores durante boa parte do seu dia possibilita uma relação de aproximação, confiança, respeito e imitação. Esse processo vai acontecendo na medida em que os estágios de desenvolvimento afetivo-social proposto por Erikson se consolidam, ou seja, os raios de relações significantes para as crianças/alunos passam a contemplar, além dos pais, também vizinhança e escola. Nesse sentido, cabe destacar a responsabilidade dos professores em assumir um compromisso ético e político na educação de seus alunos, não apenas no que se refere à transmissão de informações, mas, sobretudo no que se refere à formação para a vida.

Responsabilidade Social e Compromisso Ético: Algumas intervenções pedagógicas

Diante dessa perspectiva, no âmbito da proposta de uma aula democrática e plural (Darido, 2005, Soares, 1992, Kunz, 1998) o professor, para além dos conteúdos, necessita desenvolver atitudes (valores e princípios) para que os alunos reconheçam as suas diferenças e a dos colegas, de modo a minimizar/suprimir alguns pontos que colaboram para a não participação nas aulas, como a falta de habilidade motora, a obesidade/sobrepeso, os estereótipos sexuais, a discriminação de gênero e as deficiências sensoriais e físicas.

Tratando especificamente desses aspectos referentes à participação nas aulas de Educação Física (EF), vários documentos e diretrizes (CBC/MG 2005, PCN's 1998 e 2002, LDB 9394/96) defendem a idéia de que a aula de Educação Física deve assegurar a participação de todos os alunos, e que é responsabilidade do professor administrar as situações pedagógicas para que todos tenham condições plenas de compreender,

vivenciar e aprender as atividades desenvolvidas na aula. Para além de uma responsabilidade pedagógica, essa seria fundamentalmente uma responsabilidade ética do professor.

Nessa perspectiva, várias situações do cotidiano escolar colocam em “xeque” esse imperativo: são inúmeras as situações em que o professor tem que intervir para operar essa ação ética. A seguir apresento algumas situações comuns da cultura escolar, fatos corriqueiros nas aulas de Educação Física e que, exatamente por isso, carecem de efetivas intervenções pedagógicas.

Ganhar e perder: a vitória a qualquer custo

Um primeiro exemplo pode ser visto na situação talvez mais corriqueira da aula de Educação Física: como o professor deve lidar com os sentimentos de GANHAR e PERDER dos alunos?

Ora, o primeiro ponto é ponderar acerca da vitória e da derrota, fazendo os alunos se questionarem sobre as razões dessa situação. A vitória é fruto de um esforço que merece ser recompensado, e quem perdeu deve refletir sobre os motivos da derrota para que as possibilidades de vencer sejam maiores no próximo confronto. Não se trata de mitificar a máxima “o importante é competir”. Trata-se sim de compreender que vitória e derrota são construídas pelas ações de cada “jogador” e pelas ações coordenadas de todos eles, e que essas ações mudam no tempo, o que assegura que os perdedores de hoje podem ser vencedores amanhã.

Além disso, cabe aqui também questionar se os meios justificam os fins.

Até que ponto a vitória pode ser conseguida por meio de trapaças ou condutas desonestas? O que é melhor na Educação Física Escolar: vencer a qualquer custo ou perder com integridade?

Essas são questões que o professor tem que colocar para os alunos. Aqui é importante ainda perceber que repetidas derrotas representam um fator bastante desmotivante para a participação nas aulas de Educação Física, e daí também a necessidade de se ponderar acerca do valor das vitórias e das derrotas na dinâmica das aulas desse componente curricular.

A falta de habilidade do aluno

Outra situação que pode acarretar evasão das aulas de Educação Física ocorre quando um aluno não se julga suficientemente habilidoso para participar de uma atividade. Ora, ninguém gosta de se sentir constrangido por não saber realizar um saque, um arremesso, um cabeceio... Há aqui implicações sérias da conduta do professor. Primeiro porque ele é o grande responsável pela aprendizagem dos alunos; segundo, porque é por causa da metodologia por ele adotada, por causa de seus procedimentos de aula, que a inabilidade de um aluno é colocada em evidência.

O que se espera da conduta ética do professor então?

No âmbito pedagógico, ele deve reelaborar suas aulas de maneira a garantir o aprendizado de todos. No âmbito das relações interpessoais, ele deve ponderar com os alunos no sentido de esclarecer que nem todos têm as mesmas potencialidades, e que aqueles alunos que “são fracos” em determinadas habilidades podem ser “excelentes” em outras.

A obesidade: estética e habilidade

Uma outra situação muito evidenciada nas aulas de Educação Física diz respeito aos alunos obesos. Os “gordinhos” são, com frequência, vítimas de discriminação na aula, seja porque a obesidade acaba sendo um obstáculo para a habilidade nos jogos, principalmente os de agilidade, seja porque pela própria compleição física, eles não respondem aos padrões de beleza corporal, e podem se sentir, com isso, envergonhados/constrangidos de exibirem seus corpos e suas (in)aptidão gestual.

Bem, qual a conduta ética esperada do professor nessa situação?

Inicialmente, o professor deve rever seu planejamento para garantir que haja atividades das quais esses alunos possam participar efetivamente. Um planejamento que privilegie apenas atividades de agilidade, com certeza, representará uma barreira para a participação desses alunos. Darido (2006) sugere outra possibilidade, que pode ser alcançada através do diálogo ou mesmo com o uso de reportagens de revistas ou programas de televisão: o questionamento dos estereótipos de beleza hoje presentes na sociedade. Não se trata de defender que o obeso permaneça obeso, até porque isso não lhe seria saudável, mas sim de esclarecer que obesidade não é uma opção (as pessoas não desejam ser obesas!) e que não deve ser critério para se julgar um colega.

Generificação

Um dos problemas mais sérios enfrentados pelo professor quanto à participação dos alunos nas aulas de Educação Física diz respeito à *generificação das atividades*. A idéia do “futebol para os meninos” e “queimada para as meninas” compõem um quadro desastroso para a Educação Física, que não raro se amplia para uma situação na qual às mulheres é destinada as atividades relacionadas à dança e à expressão corporal e aos homens são destinadas as práticas esportivas. A desobediência a essa regra tácita é, na maioria das vezes, punida com desprezo, insultos e apelidos pejorativos. Na prática, esses estereótipos sexuais acabam privando muitos alunos de fazerem também aquilo que mais os interessa e as conseqüências disso são óbvias: isolamento e absentismo.

Aqui, de maneira destacada, a dimensão ética da intervenção do professor se torna essencial. Inicialmente, ele próprio deve se submeter ao crivo de uma análise crítica, para que possa questionar suas atitudes e seus posicionamentos frente a essa questão. Seria impossível ao professor colocar em mérito o comportamento generificante dos alunos se ele próprio assim conduz suas aulas. Dito de outra forma, para além de uma compreensão social de que existe “atividades para meninos e atividades para meninas”, com frequência o próprio professor de Educação Física reproduz e reforça esse ditame nas suas aulas. Por isso, é preciso, como já foi dito, que ele próprio se avalie quanto aos valores que “transmite” através das opções que toma em suas atitudes e no seu planejamento didático.

Além dessa auto-avaliação, o professor deve intervir eticamente junto aos alunos no sentido de questionar tais estereótipos sexuais. A pergunta que os alunos devem responder é “onde está o problema de um menino gostar de dança ou de uma menina querer jogar futebol?” Claro que essa pergunta não tem resposta a não ser aquela pautada no preconceito e na discriminação. Como esses são valores que, em definitivo, não devem ser propagados pela escola, claro está a responsabilidade do professor no sentido de esclarecer os alunos sobre a necessidade de fugir dessas imposições sociais.

Pessoas com necessidades especiais

Uma última situação que representa um enorme desafio ético para o professor de Educação Física no que diz respeito à participação dos alunos em suas aulas refere-se às pessoas com necessidades especiais, hoje – felizmente – cada vez mais presentes nas escolas. Essa questão, entretanto, tem raízes que ultrapassam em muito a dimensão ética da intervenção do professor, pois esbarram em questões da competência técnica da sua formação, ainda hoje insatisfatória para atender a essa demanda. Entretanto, esse fato não pode servir de justificativa para se tirar do horizonte do professor a responsabilidade ética de buscar estratégias que assegurem a “inclusão” dessas pessoas no cotidiano de suas aulas.

Os silêncios! Onde está o juiz?

Por fim, cabe um exemplo que revela como as questões éticas são importantes e estão sempre presentes no nosso fazer pedagógico, mesmo naquelas brechas que nem percebemos no dia-a-dia da escola. Num jogo de futebol, por exemplo, a simples presença de um árbitro (que poderia ser o professor ou um aluno que não estivesse jogando) pode representar uma *armadilha* do ponto de vista ético. Vocês me perguntarão: “por quê?”. Ora, o pressuposto básico da ética é a consciência, ou seja, um julgamento de foro íntimo que eu opero sobre aquilo que faço a partir de todo um aparato moral que me é fornecido pela sociedade em que vivo. Pois bem, isso implica em autonomia, em responsabilidade de ação. E o que é que o árbitro do jogo de futebol tem a ver com isso? Simples: quanto eu nomeio alguém para “regrar” um jogo de futebol, eu delego a esse alguém a responsabilidade de dizer, por mim, o que é certo e o que não é certo, o que é justo e o que não é justo, o que foi leal e aquilo que não foi. E é aí que está o problema, já que, a partir dessa perspectiva, eu posso cometer uma falta (por princípio, uma infração) sem ter que assumir a responsabilidade de tê-la cometido, desde que o árbitro ou não me veja cometê-la ou não a interprete como falta.

O que se coloca aqui é: o que eu estou ensinando ao meu aluno com essa atitude? Ora, estou ensinando que uma trapaça (ou uma deslealdade) pode ser compensadora desde que o responsável pelo controle da situação não se dê conta disso. Pergunto: não seria essa a mesma base da corrupção da instituição política no nosso país? - “Ora bolas! Posso me apropriar do dinheiro público em benefício próprio desde que os órgãos de fiscalização e controle não me descubram.”

Enfim... esse conjunto de dados revela que, do ponto de vista ético, um jogo de futebol, uma queimada ou um cabo de guerra representam muito mais que atividades corporais, quer o professor se aperceba disso ou não.

Para além desses aspectos, que representam verdadeiros desafios éticos para a intervenção do professor de Educação Física, outro ponto que merece destaque perpassa pelos processos de formação inicial para a docência ainda dentro das universidades.

De acordo com Kliksberg (2006), a universidade pode cumprir um papel fundamental no que diz respeito à formação ética e responsabilidade social dentro dos cursos de formação técnica e de professores. Para isso é necessário que as universidades se situem no *front* da luta pelo conhecimento da realidade, muitas vezes dissimulada por trás dos bastidores. Nesse sentido, cabe bem uma reflexão acerca desse novo contrato social entre a universidade e a sociedade, o qual poderia ser formulado nos seguintes termos:

“Tu, sociedade, me garantes autonomia e recursos e eu, universidade, te dou mais democracia, por meio da formação de

estudantes e cidadãos responsáveis, mais ciência responsável, lúcida e aberta à solução dos problemas sociais da humanidade e melhor desenvolvimento, equitativo, inovador e sustentável, com profissionais competentes e comprometidos.” (Kliksberg, 2006)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física*. 5ª a 8ª séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional “e dá outras providências.
- _____. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC, 2002.
- COLL, C. et al. *Aprender conteúdos e desenvolver capacidades*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.
- DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (Coord.). *Educação Física na Escola*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- LIBANEO, J.C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOARES, C.L. et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. Coletivo de Autores. 13ª reimp. São Paulo: Cortez, 1992.
- KLIKSBERG, G. A ética e a responsabilidade social da universidade. VALLAEYS, F. Que significa responsabilidade social universitária? In: *Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior*. Brasília: Associação Brasileira de Mantenedora de Ensino Superior, 2006. (ano 24, n.36). ISSN: 1516-6201. Disponível em :
<http://www.abmes.org.br/download/Associados/Publicacoes/Revista_Estudos/36/Estudos36.pdf>. Acessado em 13 fev.2009
- KUNZ, E. et al. *Didática da Educação Física 1*. (coleção Educação Física). Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1998.

José Aelson da Silva Júnior
Rua E, 39 – Vila Oliveira
Montes Claros - MG
39401-117
jucauni@yahoo.com.br

Recursos para apresentação: data show